



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

12 de Abril de 1997 • Ano LIV — N.º 1385
Prço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Comunicar

COMUNICAR é um verbo cristão. E a *Comunicação dos Santos* um artigo da Fé que revela a solidariedade essencial entre todos os homens a respeito do objectivo de Cristo: «Eu vim para que tenham Vida e A tenham em abundância».

A Vontade Salvífica de Deus não exclui ninguém. Nem há compartimentos estanques entre os já participantes em pleno da Sua Felicidade e os que estão certos d'Ela e os que *militam* ainda na vida deste mundo. Por isso que a luta é incessante e dura, estes recorrem àqueles, conhecedores experimentados da aspereza dela, e contam com a sua intercessão fundada no *peso* dos seus méritos.

Sábado Santo, a nossa Capela de Sacrário aberto, nua de ornamentos, vazia, fui dar com alguém depondo uma flor no túmulo de Pai Américo e comunicando-lhe a sua angústia que, depois, também partilhou comigo. Esta partilha gera sofrimento, motiva-nos à união na prece — produz comunhão. E comunhão é o critério por que se afere a validade de uma comunicação que deve ser restauradora da Esperança e da Paz.

Comunicar o bem para uma grande comunhão no regozijo e na acção de graças. Comunicar os males para desencadear uma alargada procura das suas soluções — só para isso!

Pai Américo, desde o princípio da sua vida sacerdotal, sentiu a necessidade de comunicar e sentiu-a como um dever — o dever de ajudar muitos a conjugar consigo o verbo *em cristão*: «Eu quando denuncio é para remediar. Já estou remediando...»

A Verdade e a Justiça foram os pólos onde sempre buscou a energia para todos os seus actos, também o de comunicar. Nada de masoquismo! A realidade é frequentemente dramática, sim; mas só a inércia dos homens a deixará cair em tragédia.

Por isso o seu Jornal foi sempre portador de muitas alegrias, a par de desgraças que se revelam só para as converter em alegrias. E a Obra, a prova da autenticidade das fontes do seu dinamismo e do acerto do seu pensar.

NÃO assim a comunicação que o mundo dita.

E nunca se viveu momento tão frenético acerca dela. Desde o reclamo das novas tecnologias (agora quase *ex-aequo* com os cosméticos e outras futilidades nos espaços da publicidade) e consequente uso e abuso delas (o telemóvel, hoje, no lugar das canetas em bolso de iletrados, no tempo do volfrâmio) até à febre de noticiar, tão delirante que, quando se não sabe, inventa-se.

Li há tempos em jornal diário um *Apointamento* de que guardei esta parcela circunstancial de tempo, de modo e de lugar: «Nesta época de tanta confusão e de tanta falsidade em que cada um contribui por palavras e comportamentos para a aumentar a cada momento (...), nesta Aldeia Global em que tudo se sabe a cada momento...» É verdade: tanta confusão e tanta falsidade que, por palavras e comportamentos, constantemente se acrescenta e enrodilha mais!... Nesta Aldeia Global em que, por via das facilidades de comunicação, o mundo se tornou! Mas será que esta comunicação, materialmente facilitada, aumentou e purificou a comunicação autêntica entre os homens, ajudando-os à comunhão, promovendo a sua igualdade e fraternidade, libertando-os, em suma, do peso-morto do egoísmo, das tentações da riqueza e do poder?!

Continua na página 4

Moçambique — As Escolas esperam a telha e os pequeninos estudantes melhor acomodação.



MOÇAMBIQUE

O mundo caminha para os extremos

Ao comportamento da sociedade não interessa combater causas mas suster efeitos

AO querer escrever para O GAIATO, parece que não sei dizer nada sem me queixar, como se toda a gente tivesse culpa do meu viver. Ao mesmo tempo, também é certo que não posso viver senão carregando a culpa dos Outros, como se minha fosse, para acudir aos que nada têm, nem culpa de não ter.

Nas horas de mais desgaste com os problemas dos rapazes já cheguei a dizer que eles não têm culpa do que

são, mas os seus pais pelo mal que eles, rapazes, fazem.

Ao comportamento estabelecido da sociedade não interessa combater causas, mas suster efeitos, sobretudo quando afectam a comunidade. Por isso ninguém se incomode nem intrometa quando a polícia leva um garoto à frente de uma arma para a esquadra porque roubou uma sacola. Ninguém quer pensar porque anda ele a roubar. Talvez o pai se cruze com ele na rua, sem o conhecer. E os que o conhecem do meio pensam que é bem feito, que assim é que se deve reprimir a vadiagem e seguem satisfeitos.

Quantas vezes tenho contado aquela passagem de vida do Pai Américo, quando o Tribunal de Penafiel, promotor da Justiça à frente, se apresenta em Paço de Sousa para exumar o corpo de

um rapaz que tinha morrido de acidente ali ocorrido, consternando toda a comunidade, que passou a noite em vigília junto do cadáver. Queria o Juiz exumar o corpo e promover a justiça pelo delito de incúria. Pai Américo, que de si era alto, agigantou-se e afirmou: «Incúria Sr. Juiz? Será ele seu filho?» Mais não disse, que a justiça baixou as armas. E dentro de portas da mesma Casa do Gaiato havia um que o era, não desse mas de outro, ao tempo, aqui em Moçambique.

A incompreensão, vezes sem conta, nos bate à porta. Anda a gente na estrada descuidado de cinto ou a mais três quilómetros que a tabela. Não interessa que vá levar doentes ao hospital, como é frequente acontecer, ou regressar desanimado depois de gastar

Continua na página 2

CALVÁRIO

Pequenas-grandes lições que os Simples vão ministrando

ESTENDO a mão e digo ao Carlos: — Toma.

Ele pega em meia dúzia de rebuçados e sorri:

— Toma um para ti, que são muitos.

— Não quero, respondo.

Desata então a correr para repartir pelo João e o Boavida.

Volta contente e pede mais:

— O Zé mais o Domingos também gostam. Dá cá mais.

Continua na página 3



— Ó «Rebuçados»! Anda, dá cá mais!

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

AUTOCONSTRUÇÃO — Um jovem casal, com dois filhos — «eles andam já na Escola» — entrou na difícil tarefa, melhor diríamos aventura, da Autoconstrução:

— Estamos a levantar a casa num terreno dos nossos pais e ocupamos, ali, todo o nosso tempo livre; e a nossa família, também.

Na Autoconstrução, a entreadua fraterna é um dado importante para a obra chegar ao fim. Pedra basilar do que de mais pedagógico tem esta acção que permanece, ainda, quase desconhecida do grande mundo e das próprias entidades oficiais que deveriam ter, nas autarquias, gabinete próprio para atender esta gente — são muitos pelo País inteiro — e abrir-lhes a porta aos benefícios que a Lei prevê para a Autoconstrução!

A moradia vai receber a laje do telhado e o casal começa a sentir as primeiras dificuldades porque não deseja bater à porta da Banca — e têm as suas razões.

Foi uma hora deliciosa, com estes jovens, na Semana da Paixão, pelo testemunho do seu calvário nesta aventura que valoriza a Família.

«Precisamos de quem nos ajude...» Assim fizemos. Deixámos boa maquia em suas mãos — para fecho do telhado.

PARTILHA — Do Porto, M. A. Vinhas com dois mil escudos. Mais, da Invicta, o habitual óbolo do assinante 8632.

Com os olhos da alma no Pobre, o resto da pequenina procissão sublima a Paixão e Morte do Senhor — a Ressurreição de Jesus.

Assinante 14493, do Porto: «Desejando uma santa Páscoa, envio a minha contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, referente ao mês de Março em curso e o restante para somar a outras ajudas que Deus vos concede para repartirem».

Um cheque da assinante 58051, também do Porto, «para aquela avó que ajuda o lar da filha, ou para suprirem uma necessidade de alguém mais carenciado. Pois eu também sou avó e muito carente de carinho e de ajuda moral. Fazer o bem é dar alegria ao nosso coração. Uma santa Páscoa e o Senhor vos continue a dar forças para ajudarem quem tanto precisa».

Mais um cheque, agora da assinante 22890, de Rio de Moura (Cacém), com a «renúncia anual para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. O GAIATO desperta-me para os problemas dos mais necessitados! Não é necessário acusarem recepção, pois confirmo o recebimento pela minha conta bancária».

Assinante 57002, da Senhora da Hora: «O meu pequeno contributo do mês de Março, o mês da Quaresma, onde as pequenas renúncias de cada

um poderão ajudar os Pobres. Não é preciso agradecer!»

Mais um cheque, da assinante 7769, do Porto, sua «contribuição para as amêndoas dos mais necessitados».

Retribuimos, com amizade, os votos generalizados de santa Páscoa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FÉRIAS — São as mini-férias da Páscoa. Para aqui vieram, também, os estudantes do Lar do Porto. O nosso Padre Carlos arranjou-lhes trabalho. Especialmente no campo.

PÁSCOA — Como é tradição, cumprimos o calendário litúrgico.

Primeiro, em nossa Capela, a Reconciliação. Um sr. Padre falou de Jesus e explicou a sabedoria que Ele tem. Na Quinta-Feira Santa, a Festa da Eucaristia. Na Sexta, a Via Sacra. E, no Sábado, a Vigília Pascal.

Foram baptizados: Lipe, Mauro, Pedro e Wilson. Agora, pertencem à Família de Deus.

No Domingo recebemos a Visita Pascal, o «Compasso».

ALEGRIA — O refeitório, em dias de festa, é uma grande alegria. Todos festejaram os aniversariantes. Foi o que aconteceu no dia de Páscoa.

Fizemos desafios com os vizinhos do nosso refeitório — o dos miúdos.

No entanto, queríamos que a nossa alegria fosse dada a todos os que não têm festa nestes dias.

Rui

Crónica do Lar do Porto

PÁSCOA — Mais uma festa muito significativa, do ponto de vista religioso, em que todos nos reunimos para a festejar em família.

Os bolos, os tradicionais folares, tudo preparado com a nossa colaboração — o que foi muito saboroso.

Correu tudo como era desejado. Como sempre, «não há nada como a família».

ESCOLAS — As aulas regressaram ao ritmo normal. Contudo, bem fresquinhas encontram-se as qualificações do segundo período. De uma forma muito sucinta, as notas ficaram aquém do que seria esperado (salvo seja as excepções), já que todos têm capacidade para as melhorar. Agora, alguns têm que «pedalar» bastante para finalizarem o ano, pelo menos, medianamente.

Daniel («Cenoura»)

TOJAL

OBRAS — Agora, decorrem na antiga padaria. Os nossos rapazes aproveitaram as férias para caírem uma grande parte do muro da nossa Casa e também alguns dormitórios.

CARAS NOVAS — Mais uma cara nova na nossa Aldeia. Ele é irmão de dois companheiros nossos. Chama-se

Jonas Fernandes Schneider e tem três anos. Neste momento é o mais pequeno «Batatinha» da nossa Casa.

PÁSCOA — Tivemos uma boa Páscoa, graças a Deus, com algumas amêndoas. Como somos uma família cristã, respeitamos as tradições.

CAMPO — Começámos a colheita da ervilha, bem tenrinha.

ANIMAIS — Abatemos quatro carneiros para a ceia de Páscoa. Foi um bom pitê!

Arnaldo Santos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Já por várias vezes temos lamentado a nossa pouca disponibilidade para prestarmos maior atenção e assistência aos nossos Amigos que visitamos. Sobretudo aqueles que mais delas necessitam.

Na nossa lembrança aquele casal de velhinhos rodeado pelos netos e netas, alguns já em idade perigosa, assim como as filhas precisam constantemente de apoio. No local onde moram, campeiam a droga e a prostituição.

Somos testemunhas da preocupação daquela avó. E se a desgraça ainda não bateu àquela porta, muito se lhe deve, pois apesar dos seus defeitos, muito tem lutado para que os netos não se percam.

Há dias, ficámos a saber que a mais nova, de treze anos, já tinha arranjado emprego num café, um pouco longe da sua residência. Também que já namora com um rapaz de vinte e sete anos! Sentimos e vimos a tristeza que ia no coração daquela avó. A rapariga ainda está abrangida pela escolaridade obrigatória. Porquê o desinteresse dos responsáveis da Escola da aluna? Porque não accionam os meios legais para se evitarem estes casos? Se fossem seus filhos, de certeza não seria assim.

O rapaz que esteve na Casa do Gaiato e fugiu, também deixou a Escola ainda dentro da escolaridade obrigatória, e está a trabalhar de padeiro. Do dinheiro que ganha, não dá contas a ninguém. Mas quer que a avó lhe dê de comer. Temos medo que acabe por se perder na droga. Quando fugiu não fumava. Agora, já fuma.

A mais velhinha tem escapado a este vendaval de desgraça. Está no 11.º ano e com boas notas. A última vez que a vimos, lamentava-se por a avó não lhe dar dinheiro para comprar cadernos de apontamentos nem para tirar fotocópias; para livros, ainda pior. Valemos nessa altura.

Quando há pouco os visitámos, ficámos a saber que ela já não dormia em casa. O coração caiu-nos aos pés. Sossegámos quando a senhora nos disse que a neta dormia na casa duma colega, mas que tinha sido o Párcoco que tratou do assunto. Bem haja, senhor Padre. Só esperamos que não a percam de

vista. Da nossa parte, prometemos continuar naquilo que estiver ao nosso alcance.

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO — Da assinante 12313, de Paço de Arcos, cheque de 5.000\$00. «De facto, só o Pai do Céu sabe o que é melhor para nós. Muitas vezes o nosso egoísmo não nos deixa ver assim a vida. E preferimos ter a presença dos nossos, mesmo a sofrer, do que vê-los aliviados de todo o mal do mundo». É como diz. Vamos pedir a Deus Pai Todo Poderoso, pela sua alma.

J. R. D., 2.000\$00. Dez mil escudos da assinante 9217. M. M., vale de 15.000\$00.

A todos, o nosso muito obrigado.

Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Gaiato do Porto, Rua D. João IV n.º 682, 4000 Porto.

Olga e Valdemar

MIRANDA DO CORVO

PÁSCOA — Os nossos rapazes adoram este dia da Ressurreição de Jesus Cristo, com muita alegria e paz — embora houvesse umas arrelias pelo meio...

Almoço comemos batatas fritas e leitão assado no forno. Os nossos leitões!

Houve muito convívio entre os rapazes e o nosso Padre João deu um abono.

EMPREGO — Começaram a trabalhar mais três rapazes:

O Casimiro foi para as obras de Ventura & Pires. O Paulo Sérgio para a mesma firma, mas como electricista; e o «Pedrito» está em Coimbra numa empresa de ortopedia.

CARAS NOVAS — Recebemos mais três rapazes, de Elvas. São todos irmãos. O mais novo, o Ricardo, tem quatro anos; o Tiago, oito; e o mais velho e mais reguila, o Bruno, tem doze.

Esperamos que se adaptem bem à nossa Casa.

BATATA — Já começámos a semear a batata na «terra nova» e «terra dos grilos». E a sulfatar as terras já cultivadas. Esperamos muita batata, como o ano passado — se Deus quiser.

ESCOLA — O segundo período acabou e as notas chegaram. Umhas boas, outras mais ou menos, e outras não comprovativas dos alunos.

Falta pouco tempo para o terceiro período começar e os rapazes têm que se agarrar aos livros para conseguirem melhores notas nos testes e no fim do último período — se querem passar de ano.

João («Pequeno»)

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Março: 70.665 exemplares.

Moçambique

Continuação da página 1

uma manhã em consultas, apressado em chegar a Casa onde ficaram mais de cento e vinte, fora o resto: as obras, o campo, as oficinas e a aldeia mais próxima com cerca de 12 mil pessoas de onde, a todo o momento, nos solicitam pedidos de socorro. E é uma paragem. A multa, a ameaça de o carro ir para o parque, as palavras de desprezo pelos «cooperantes que andam a roubar o nosso dinheiro» e o mais que temos de suportar como se fôssemos os algozes destes polícias da estrada que vão ganhando a vida, à falta de salário digno, com a aplicação de multas sem recibo. Isso magoa, mas vamos em frente.

Quem não vai em frente são tantas crianças e docentes que levamos ao hospital e dali para o cemitério porque não há uma injeção de quinino — último recurso para a malária resistente. Mas as clínicas especiais, dentro do próprio hospital e particulares, multiplicam-se como meio de defesa para quem tem e de enriquecimento para médicos e enfermeiros, não ficando, claro, o Estado sem a sua parte, pensamos.

Num mundo assim, o interesse por possuir é a maior defesa, as pessoas alheiam-se de dar. Quem dá, sofre a sorte dos Outros, aproxima-se. E as pessoas isolam-se e extremam-se cada vez mais.

O mundo caminha para extremos. Uns conquistam-no pelas armas, outros pelo dinheiro. Nem se sabe qual é o mais forte, porque este municia aquelas. O interesse pelos Outros, o dar a vida para que os Outros vivam, torna-se uma utopia. Lenine, carrasco de multidões, para implementar as suas ideias foi endeusado, reduzido à sua condição mortal. Quanto custa o interesse em perpetuar-lhe a múmia? Cristo fez milagres e prodígios a favor dos mais Fracos e desprezados socialmente, Senhor da única Palavra que não passa, mereceu a ignomínia da Cruz. Um, sendo homem se fez deus. Outro, sendo Deus se fez Homem e nos faz, nesta Quaresma que também chega ao fim, mais íntimos dos que sofrem injustamente, esquecidos e rejeitados.

Que uma verdadeira Páscoa — passagem, libertação — se aproxime e nos aproxime.

Padre José Maria

RETALHOS DE VIDA

«Folha»



Sou o Tiago Fernando de Bessa Ferreira e a malta daqui pôs-me o nome de «Folha».

Nasci na freguesia de Avelada, Lousada, a 14 de Maio de 1984. Era um menino gordo, muito risonho!

Venho duma família pobre. O meu pai morreu electrocutado e a minha mãe ficou com o cérebro cansado.

Somos seis irmãos: Leandro, o mais velho, agora com 13 anos, sofrendo do mesmo problema da minha mãe; Adelaide, onze anos; Samuel, seis; André, três; e Jessica, dois anos.

Como somos pobres, vivendo só da reforma do meu pai, a minha mãe, muito habilidosa e boa cozinheira!, inventou um bolo com miolo de bolota e morangos...

Eu quis vir para a Casa do Gaiato porque, aqui, tenho educação e aprendo várias artes. Mas tenho um sonho: ser Oleiro! Talvez um dia consiga...

Tiago Ferreira («Folha»)

ENCONTROS em Lisboa

O Paulo Alexandre tem-me dado «água pela barba», como sói dizer-se. Educado num colégio-zinho antes de vir para a nossa Casa, aprendeu todas as artes, desde a desculpa à mentira, passando pela neutralidade afectiva e a capacidade de a todo o momento tentar fugir à voz da sua consciência ou da autoridade. Em nossa Casa tem tido um caminhar titubeante. Ora quer andar para a frente, ora hesita e vai verificar como era antigamente. Tenho muitas esperanças nele porque sinto que nem tudo está ainda morto lá por dentro. Agrada-me sobremaneira o seu sorriso em certos dias.

Há dias, aconteceu algo que me deixou nessa esperança. Correu-lhe mal a vida. Fez

uma partida de mau gosto a um colega e o colega não gostou e deu-lhe um tabefe a sério. Ele veio choroso ter comigo, dizendo: «Agora que eu andava a portar-me bem é que tudo me acontece. Mais vale continuar a portar-me mal». E arrancou de ao pé de mim em alta velocidade. Voltou passado um bocado. Cheirava a tabaco à distância. Perguntei como era. Pouco a pouco foi serenando e encontrando-se consigo próprio. Acabou reconhecendo que foi palermice ter ido fumar, tinha sido só para se vingar e não resolvia nada desse modo. Ele aqui anda por casa, uns dias muito sorridente, outros dias com cara sorumbática acompanhada por um vozeirão que até parece que mete medo a

alguém. É a sua carapaça. Entretanto, espero que a adolescência avance, as pedras se comecem a colocar no lugar e ele perceba que é amado e que não há razão para tanta revolta auto-destrutiva.

Andamos por aqui a viver a Páscoa. Sempre me apareceu como um enfrentamento que temos de assumir. É a passagem necessária. É o sair para... o ir além do que agora está conhecido... É o «se é possível» que a gente não passe por aqui ou por ali. No entanto, enfrentar esta passagem é necessário ao nosso crescimento de homens. É também uma passagem que nunca está adquirida... Cada ano e em cada momento, é preciso partir...

Nesta Quaresma fui convidado a falar às viúvas do Movimento Esperança e Vida. Diante daquelas mulheres senti o desafio da Páscoa. Com efeito, a sua viuvez veio introduzir em suas vidas tantas mudanças que para muitas foi começo de vida totalmente outra...

A pequena história do Paulo ajuda-nos também a perceber. Ele diz: «Agora que eu me andava a portar bem...». Nós dizemos muitas vezes: «Agora que tudo me estava a correr bem...» Então é preciso partir novamente. Por entre estas partidas surge o desalento do caminhar. Aí temos novo enfrentamento... E o caminho de Jesus, onde terminou? A Páscoa é Ressurreição. Jesus chegou e convida-nos a chegar também. Quando? Para já, é preciso partir, sem desânimo, olhando em frente e, se possível, sentindo desde já a festa dentro de nós como aconteceu com os caminheiros de Emaús, escutando, no caminho, as palavras do Mestre.

Padre Manuel Cristóvão

Calvário

Continuação da página 1

O Carlos é um rapaz mongolóide. Mas é generoso, delicado, amigo dos outros. Todos gostam da sua presença meiga, aberta, e da sua ajuda preciosa.

O João, infantil, com quarenta anos, não lhe fica atrás. Ontem recebeu um presente de bolos. Vem ter comigo e dá-me ordem para os distribuir pelos doentes.

— *Eu não sou invejoso. Um é para ti. Anda. Come.*

Esta Casa é uma universidade, não de cadeiras técnicas mas de práticas. É um local onde muito se aprende, onde se está sempre a aprender, se se anda atento às pequenas-grandes lições que os Simples vão ministrando. Muitos deles são seres sem maldade, guardam ainda o lado puro, imaculado, do Homem que Deus criou. Nós precisamos deles para ver a imagem do que Deus quis de nós.

Faz bem observá-los, imitá-los.

Como ninguém, são simples no pensar e no agir.

A amizade é neles clara e sincera. Não guardam ressentimentos. Gostam mesmo uns dos outros.

A generosidade é incomparável. Estão sempre prontos, sempre disponíveis e atentos.

A paciência e a perseverança são neles virtudes quase inatas. Dias, meses, anos que

passam e eles prontos a dar de comer, na higiene dos mais inválidos, nas limpezas, nos trabalhos de jardinagem, nos quês do nosso dia-a-dia.

Estas são virtudes naturais, mas é nelas que a Verdade do Homem assenta. São a base sólida para o sobrenatural, pois este é algo que se edifica sobre o natural. Mas, às vezes, esquecemos isto.

Estes seres tão simples e tão verdadeiros são um apelo ao despertar das forças boas que há em todos nós; das qualidades naturais que todos possuímos, mas que nem sempre pomos a render.

Digo destes o que Pai Américo dizia dos rapazes: — *Não há doentes maus.*

A infelicidade dum lacuna física ou mental desde o nascer, como a que ostenta a maioria dos nossos doentes, inibe normalmente a entrada do mal, mas não que o bem se expanda com naturalidade.

E se a doença ou incapacidade surgem no decorrer da vida, quantas vezes o homem, purificado por aquelas, não começa uma caminhada nova que aprendeu na escola da dor.

O Carlos mais o João são mestres nesta escola em que algo se aprende de novo; em que se ensina despreziosamente aquilo que na outra escola se ignora.

— Ó «Rebuçados!» Anda, dá cá mais!

Padre Baptista

TRIBUNA DE COIMBRA

Trabalho familiar
fonte de saúde mental

FÉRIAS escolares neste tempo de Páscoa. É um «mundo» de gente nova em nossa Casa. Gente pequena e gente «espigada» que é preciso, «sadiamente», empregar.

Assim, foram plantados cerca de cento e trinta centos de cebolo que alguém nos ofereceu. Foram semeados os nossos batatais da terra nova e da terra dos gri-

los. Limpam-se barreiras e bataréus; cinzeiro e estremeira. Dois dias no olival da mina que as silvas encontram terreno fértil. De um dia para o outro o mesmo pensamento: «Amanhã tudo ficará pronto...». Mas não. Mais uma volta, quinta abaixo e outra acima, e há sempre algo que falta concluir.

O trabalho simples, em nossa Casa, é uma fonte de saúde mental, sobretudo para a nossa gente. Que seria de nós e deles se não estivessem ocupados...

Este ano tivemos cerca de noventa alqueires de azeite. Digo sempre aos visitantes, quando vem a «talho de foice», que toda a azeitona passou pelas mãos dos Rapazes.

Trabalho familiar, simples, concreto e educativo. É este trabalho que gera laços de interdependência e os segura a nós, numa Casa de portas abertas. Quantos vícios se matariam e outros tantos se evitariam, na alma de tantos jovens, se em férias houvesse uma sã ocupação de tempo que muitos deles usufruem livremente e sem orientação.

Sinto que é um dos momentos educativos com mais significado, aquele em que os Rapazes se encontram, tanto em Casa como fora dela, ocupados. Menos tensões, mais alegria e descontração.

Padre João

DOCTRINA



Não mistures alhos com bugalhos, que podes lesar em vez de zelar.

DE regresso das Caldas do Gerês, deram-me notícia que o nosso anjo do Lar trocara a canastra de vime em que o deixei, por um magnífico berço que lhe mandaram da Granja em caminho de ferro. Quem pode resistir à força da Criança?! Nunca na minha vida recebi tantas esmolas como nesta ausência de quinze dias, preso ao número dezoito da Rua da Trindade; tais e tantas, que com elas paguei as despesas do hotel, despachei dinheiro para fora, vesti e calcei farrapões do Gerês e arribei a Coimbra com as algibeiras quentes. Ora eu atribuo este milagre aos braços estendidos do «meu filho mais novo».

AGORA que o relatório da Obra da Rua anda em curso, tenho recebido várias cartas de vários senhores que eu não conheço, a pedir conselho acerca dos seus filhos e lugar para eles na Casa do Gaiato. Trata-se, pelo sentido e pelo dizer das cartas, de famílias ricas com filhos tresmalhados: «Nós pagamos o que V. disser, Padre». Mais uma tentação. Mais gente que lê e não entende. Mais uma ocasião de expor doutrina social uma vez que me chamam mestre. Eu podia, efectivamente, construir um pavilhão para vadios ricos e tirar daí receitas para vadios pobres. Podia, que assim se tem feito e assim se faz, com os ámens do clero, da nobreza e do povo; não no caso de vadios, que a Casa do Gaiato não tem par no País, mas sim com outras obras de assistência social.

A tese apresentada para justificar estas anomalias é que o rico paga para o pobre; mas a verdade toda está precisamente na tese contrária: vê-se o pobre a pagar para o rico. Primeiramente, porque o tal senhor que paga, o que vem auxiliar a obra existente e decadente, aninha-se naquilo que fora feito e destinado ao bem do Pobre por alguém que gizou e dotou a Instituição. Depois, uma vez instalados os tais senhores que pagam e auxiliam, marca-se imediatamente limite à liberdade dos reais senhores da Obra, de tal sorte que esta fica sendo mais um campo de concentração

de inválidos, velhos e doentes, do que uma organização deles para eles. Já não passeiam no jardim nem se deleitam na cerca nem entram nas dependências da casa, como dantes faziam, por causa do benfeitor que chegou: paga o pobre para o rico. Alimentação, cuidado, zelo, pessoal, tempo — todo o bem que dantes gozavam, é agora diminuído por amor do benfeitor que vem auxiliar.

AS receitas da Casa aumentam, sim, mas as necessidades também; e vá de aumentar ou melhorar os aposentos de quem chega, sem se importar com a sorte de quem estava. De resto, que têm eles que reclamar? Não estão ali por esmola? Pois não é verdade que o grosso das receitas vem dos messias da obra? Se não fossem eles, que havia de ser dos pobrezinhos?, coitadinhos! Que grande mentira social — o Pobre a pagar as favas que não come! E isto faz-se e prega-se e todos dão palmas!

DE forma que, para eu ser actual, havia de aceitar os vadios ricos, fazer uma grande obra para eles, receber dinheiro à farta e encurralar os gaiatos pobres num telheiro da quinta; poucos, um número muito limitado, para não me roubarem o tempo que devo aos benfeitores da obra. Que te parece?! Não; não é assim.

SEMPRE que nas obras de assistência entra o cálculo comercial, essa obra passa a ser um negócio e negócio desonesto. A grande preocupação de quem se lança em obras assim, a única que garante eficazmente a vida delas, consiste no procurar ser justo para com os assistidos. Compreender a vontade do fundador; entender os estatutos; cumprir com a verdade e com a justiça. No caso de asilos de velhos, hospitais de doentes, refúgio de crianças, escolher os mais velhos, os mais doentes, os mais desamparados — e servi-los bem. O resto não é da nossa conta. Senhor, dá que eu veja sempre e somente na Tua luz o valor do Pequenino desamparado; e que toda a riqueza, todo o êxito, todo o assombro da Obra da Rua seja o efeito de uma missão divinamente cumprida!

Padre Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Património dos Pobres

**Casas construídas
— barracas demolidas**

PROCURE-SE primeiro o remédio e só depois se ataque a doença. Construam-se casas e destruam-se barracas. Naquela época e para todos os tempos, Pai Américo escreveu e testemunhou com a própria vida:

— Nas barracas não entra o Evangelho. A barraca é mesmo a negação do Evangelho. Este é totalmente amor. Primeiro amar. Vai à barraca buscar o pedinte e ele começa imediatamente a amar.

Parece que estamos a entender estas verdades e a deixarmo-nos impressionar e a conduzir por elas. A nossa sociedade mostra estar inquieta e está a inquietar e a procurar soluções, convencendo-se de que a habitação é a primeira necessidade de cada família. Os seres humanos amontoados, e sem o mínimo de condições habitacionais, não são capazes de educar e de progredir. Não podem ter vida humana.

Nas nossas viagens e pelas notícias publicadas nos órgãos de Informação, damos conta desta inquietação. Agora, parece que quase todos abrimos os olhos e queremos soluções. Começamos a acreditar. Grandes e muitos edifícios decentes estão construídos e a construir, muitos deles já habitados. Consola-nos ver a alegria de todos, especialmente os desalojados de barracas.

Acreditamos que os retornados, nativos das antigas colónias, vieram sem beira nem eira e tiveram de refugiar-se e instalar-se de qualquer modo. A solução imediata foi apro-



Bairro habitado por famílias desalojadas das barracas

veitar casas em ruínas, abandonadas, ou levantar, à pressa, uma barraca onde houvesse um pedacinho de terreno livre. Julgamos estar aqui a imensidão de barracas actualmente existentes nas cidades e vilas mais populosas. Um mal que urge ser remediado — construir casas, casas, casas!

Lemos na Imprensa e demos testemunho pelas nossas visitas àquele concelho — onde num bairro, mesmo no centro, corre um pequeno rio de esgotos — da inquietação do autarca mais responsável; inquietação pelas seis mil e quatrocentas famílias que vivem abarracadas na sua autarquia, mostrando a sua inquietação à procura de terreno onde possam construir moradias para alojar decentemente toda aquela gente. Sobretudo ele aflige-se por não encontrar terrenos livres e adequados!

Anima-nos a dedicação que muitos governantes já puseram na solução deste grave problema. Não resistimos em anunciar alguns mais conhecidos. Começamos pelo interior:

Viseu: Zona de instalação de muitas famílias de etnia cigana. Sessenta habitações construídas e já entregues. Con-

sola ver a alegria estampada no rosto daquela gente! Sentiram-se irmãos e da família de todos os outros.

Gouveia: Já na encosta da Estrela, construiu e entregou um tecto a dezassete famílias de retornados. O dia da entrega foi uma grande festa para toda a gente.

Coimbra: Acabou com «o bairro das latas» da Conchada e outros. Dois bairros, construídos de novo, deram pousada aos ocupantes de barracas.

Mira: A Câmara decidiu ajudar a reparar os blocos construídos em madeira, na altura muito urgentes para abrigar retornados e fugitivos do Ultramar, agora com muita necessidade de obras de conservação. Tem um plano e está a urbanizar terreno para trinta moradas destinadas a pobres famílias que, há muito, aspiram a ter uma casinha.

Pela televisão topamos o movimento de máquinas a demolir barracas em muitas terras. Quase nos leva a acreditar que elas desaparecerão do meio de nós. Deus quer; que os homens também queiram que assim seja.

Padre Horácio

Comunicar

Continuação da página 1

«Esta Aldeia em que tudo se sabe a cada momento» não será uma ampliação do velho «lavadouro-público» de bairro degradado, onde tudo se falava e se «sabia» da vida alheia?! Porém, este «lavadouro-público», em tempos de valores, era uma nódoa, uma nota negativa, uma realidade de vergonha para o meio.

Será que este sentimento existe nos grandes meios da Comunicação, onde o sensacionalismo, a ânsia doentia de chegar primeiro, um prurido de originalidade, tantas vezes de mau gosto, se pagam por qualquer preço, mesmo a inverdade, o desconhecimento profundo dos assuntos tratados, o desrespeito por pessoas e instituições de que se não procuram os frutos para justamente se avaliar da qualidade da árvore?!

Penso que a Comunicação Social sempre foi vocacionada a um papel de grande importância pedagógica na formação de um Mundo mais justo, de uma Humanidade mais fraterna e mais feliz. Hoje, pelos altos meios de que dispõe para chegar aos homens, acresce a responsabilidade de ser fiel à sua vocação. Ajudar o homem a educar-se nas linhas da Inteligência e da Vontade que são as que o definem homem. Ajuda-lo a viver em paz com os outros homens, como meta da sua própria felicidade.

A nossa Comunidade

CUSTOU-ME muito receber uma criança, porque julgava não ser dos da nossa «marca». Constou-me que tinha pai; e mãe, também. Andei meses e meses com aquele garoto na cabeça. Tinha uma desculpa verdadeira: falta de lugar. Mas, o pedido havia sido feito por um dos nossos antigos gaiatos. A insistência foi tamanha que cheguei a admitir a hipótese de vir a acolhê-lo, algum dia. Informei-me, por isso, com mais pormenor sobre a real situação do pequeno.

Tem pai, mas o filho não vive com o pai. Tem mãe, mas o álcool rouba-lhe toda a capacidade de ser mãe e segurar o filho junto de si. Em suma, um filho com pai e mãe, mas vive como se não tivesse um nem outro. A rua, afinal, é a sua morada mais certa. Acresce o facto de ser uma criança mestiça que não é fruto dum matrimónio regularmente constituído. Este tipo de criança, quando nasce dum matrimónio normal e cresce num ambiente seguro e acolhedor, é capaz de revelar uma riqueza de personalidade que outra criança qualquer não tem. Mas se lhe falta o carinho e o amparo, desde tenra idade, é capaz

Este seria o fundamento do *Quarto Poder* que se arroga. Quem dera que merecesse sê-lo — e fosse!

Padre Carlos

BENGUELA

de reacções que outra criança qualquer não tem.

A propósito, lembro-me que no princípio da Casa do Gaiato, em Benguela, mais de 90% das crianças eram mestiças. Já lá vão trinta e quatro anos, a caminho. Era um ambiente normal, como se outras crianças se tratasse. Agora, 98% são negras. As restantes, que são poucas, repartem-se pelas de cor branca e mestiça. Um ambiente tão normal, como se de quaisquer outras crianças se tratasse.

Recebi, há dias, o pequeno de que tenho vindo a falar. Tem que dormir num colchão, no corredor do dormitório. Estou a falar dele com mais emoção que doutro qualquer. Porquê? É que estou admirado com a sua adaptação. Verifico, afinal, que é uma criança muito marcada pela ausência do carinho do pai que tem e conhece e da temura da mãe, afogada no álcool. Traz consigo um grande desequilíbrio. Mas, que maravilha!, vai-se transformando, a

pouco e pouco. Eu que pus tanta resistência à sua vinda, vou-me comovendo, dia-a-dia, perante o bem que a Casa do Gaiato vai semeando neste pequeno. Bem sei que o facto dum filho ter pai e mãe não significa que tenha tudo. Pode, até, não ter nada. Se lhe falta uma relação afectiva, falta-lhe tudo, afinal. É o que acontece com o nosso Zé e com tantos filhos e filhas que têm pais, mas não sabem o que é o pai, ou o que é a mãe.

Festa da Páscoa

Tivemos uma Páscoa alegre. Não nos faltou o que é preciso. Claro, não vimos uma amêndoa nem outros mimos que os vossos filhos tiveram. Não houve folar especial porque não tínhamos. Mas a nossa mesa estava bonita e com o necessário para uma Festa cheia de alegria. A maioria das crianças angolanas não tiveram Festa. Ajudámos as centenas de famílias que convivem, mais de perto, connosco para que tivessem, também, o necessário para uma Festa da Páscoa cristã. Esta foi mais uma das razões para que a Festa fosse tão feliz!

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Que tremenda não é a responsabilidade da hora derradeira, quando vier o Dono da Fazenda pedir contas da administração de cada um de nós! Pois se foi tão severamente castigado aquele servo que escondeu o talento, que fará quem no tiver gasto mal?! Porque naquela hora todos são servos, mesmo os que na vida passaram por grandes senhores!

PAI AMÉRICO

Festas

Tojal

Elas aí estão. As nossas Festas. O nosso trabalho transformado em alegria, numa mensagem de luz e de esperança. Os nossos rapazes em palco. Os nossos Amigos a assistir como fazem os pais quando os filhos têm intervenção pública e a dizer «como eles trabalham bem». Deste encontro nasce o Evangelho pregado e acolhido. Este Evangelho constitui o encanto das nossas Festas nas diferentes comunidades cristãs onde nos dirigimos. Está já quase tudo marcado. Aqui vão notícias das primeiras.

Padre Manuel Cristóvão

- 12 de Abril — Sábado, 21.00 h., em nossa Casa, para a população do nosso lugar e que servirá de ensaio geral.
- 20 de Abril — Domingo, 15.30 h., Salão da Igreja de FORTE DA CASA.
- 27 de Abril — Domingo, 15.30 h., Salão da Igreja de Monte Abraão, QUELUZ.
- 4 de Maio — Domingo, 15.30 h., Salão dos Bombeiros Voluntários de TORRES VEDRAS.

Setúbal

O argumento dos nossos espectáculos será a alegria como alimento do coração humano indispensável à felicidade.

Como incentivamos a alegria na Casa do Gaiato, seguindo a pedagogia do Padre Américo, será o segredo que iremos revelar aos nossos Amigos na feliz Festa deste ano.

Esconjurar a tristeza e fomentar a alegria no auto-domínio, no entusiasmo pela vida com sabedoria, no trabalho com amor, como sopro do espírito em todas as estações da vida, serão quadros vivos onde explicaremos a verdadeira alegria.

Padre Acílio

- 25 de Abril — Soc. Inst. Musical QUINTA DO ANJO.
- 30 de Abril — Sociedade Filarmónica Palmelense «Os Loureiros», PALMELA.
- 10 de Maio — Teatro Luisa Tody, SETÚBAL.
- 17 de Maio — Sociedade Filarmónica Agrícola, PINHAL NOVO.
- 23 de Maio — Sociedade «Os Franceses», BARREIRO.
- 7 de Junho — Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.
- 28 de Junho — Teatro José Lúcio da Silva, LEIRIA.

SEMPRE ÀS 21,30 H.